

# O comércio exterior do RS em 2002: a busca de substitutos ao mercado argentino\*

Álvaro Antônio Garcia\*\*

*Economista da FEE e Professor da Unisinos.*

O objetivo deste artigo é o de analisar o desempenho do setor externo do Rio Grande do Sul em 2002. Mais propriamente, nos 10 primeiros meses desse ano, período para o qual se dispunha de informações quando da realização do trabalho. Então, para ter sentido a análise, compararam-se os períodos de jan.-out./02 e jan.-out./01 e, a partir daí, buscaram-se explicações para os resultados verificados.

O trabalho está estruturado, além desta introdução e das considerações finais, em três seções. Na primeira, a mais extensa, estuda-se a performance dos principais segmentos exportadores do Estado, agrupados em capítulos de acordo com a classificação Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM). Na verdade, são analisados 12 capítulos da NCM, que, no decorrer dos 10 primeiros meses de 2002, representaram mais de 80% do valor obtido com as vendas gaúchas no Exterior. Os capítulos são tratados separadamente ou, quando convém, são agrupados para melhor entendimento do objeto em estudo, como é o caso do complexo soja, do complexo carnes e dos produtos petroquímicos. Cada capítulo, por sua vez, agrega uma expressiva quantidade de mercadorias. Por isso, após uma visão geral da performance do(s) capítulo(s), são feitos comentários sobre as principais mercadorias que o(s) compõem, em termos de valor exportado. A seção seguinte trata do destino dessas exportações, procurando esclarecer os motivos para as alterações nos mercados compradores de produtos gaúchos. Na terceira seção, são analisadas, de forma sucinta,

---

\* Este texto foi elaborado com dados disponíveis até 29.11.02.

\*\* O autor agradece às Economistas Teresinha Bello e Sônia Teruchkin pelos comentários e sugestões à versão preliminar do texto e ao estagiário Denílson Alencastro pela coleta e organização das informações.

as importações do Estado. Primeiramente, são referidos os principais capítulos através dos quais o Rio Grande do Sul adquire produtos no Exterior e, na seqüência, a origem dessas aquisições.

Antes de passar ao desenvolvimento do texto propriamente dito, cabem algumas observações sobre a balança comercial, as importações e as exportações, visando esclarecer a estrutura de análise adotada.

Conforme mostra a Tabela 1, o Rio Grande do Sul apresentou um saldo comercial de US\$ 2,6 bilhões nos 10 primeiros meses de 2002, resultado de exportações de US\$ 5,39 bilhões e importações de US\$ 2,79 bilhões. No entender do autor, não há muito sentido em analisar — e muitas vezes comemorar — saldo de balança comercial quando se tratam de dados relativos a um determinado estado da Federação. Isto porque pode passar a impressão de que, se o dito estado fosse um país independente, teria um fluxo comercial com o Exterior semelhante ao verificado enquanto estado de uma Federação. Nada mais inverídico que essa associação. Se o Rio Grande do Sul, por exemplo, fosse uma nação independente, teria uma outra pauta de comércio exterior, resultado da agregação do denominado comércio por vias internas (interestadual) à sua atual balança comercial estadual. E isso ainda supondo que houvesse uma união aduaneira na região, com tarifas zeradas entre os países-membros e tarifas iguais frente a terceiros mercados.

Por outro lado, os dados sobre importações em nível de unidade da Federação também apresentam problemas. Por exemplo, uma empresa com filiais em diferentes regiões do País pode realizar uma aquisição no Exterior, que é internalizada num certo porto ou em outro local qualquer de um determinado estado da Federação, sendo, depois, redistribuída em partes para outras regiões.<sup>1</sup> Embora não seja comum, isso pode acontecer, distorcendo os dados sobre importações. Por isso, e principalmente, porque são as exportações que geram renda internamente, a maior parte deste artigo é dedicada ao estudo do comportamento das exportações do Rio Grande do Sul.

Cabe ainda, nesta introdução, situar comparativamente o comércio exterior do Estado: no período analisado, as exportações gaúchas mantiveram o segundo lugar no *ranking* nacional, atrás apenas das de São Paulo e à frente das de Minas Gerais. Ocorreu uma pequena redução, de menos de 2%, quando se comparam os dados de janeiro a outubro de 2002 com os de igual período de 2001. Esse resultado, passível de ser alterado quando forem incluídos os números relativos a novembro e a dezembro, foi inferior ao do Brasil como um todo,

---

<sup>1</sup> Um outro exemplo, semelhante ao citado acima, vem acontecendo nas aquisições de gás natural da Bolívia. Ver, a respeito, a seção que analisa o comportamento das importações.

que apresentou um crescimento das suas vendas externas da ordem de 1%.<sup>2</sup> Já as importações gaúchas se reduziram em 19%, próximo à queda das importações brasileiras, que alcançaram 17%.

## 1 - Exportações dos principais produtos

### Calçados

O Capítulo 64 da Nomenclatura Comum do Mercosul agrega o comércio exterior de calçados, produto no qual o Rio Grande do Sul é o maior exportador do Brasil, particularmente calçados femininos. Nos 10 primeiros meses de 2002, conforme mostra a Tabela 2, as vendas externas desse produto, o principal da pauta exportadora gaúcha, alcançaram US\$ 1,02 bilhão, um valor 12% menor que o verificado no mesmo período de 2001, quando os embarques haviam atingido US\$ 1,16 bilhão. Observando a Tabela 3, percebe-se que caíram as exportações das três principais mercadorias do Capítulo 64, a saber: calçados de couro natural (-9%), calçados de couro natural cobrindo o tornozelo (-17%) e calçados de borracha ou plástico (-41%). Observando-se a Tabela 3, percebe-se uma redução de 9% na exportação de calçados de couro natural, de 17% na de calçados de couro natural cobrindo o tornozelo e de 41% na de calçados de borracha ou plástico.

O grande mercado para o calçado gaúcho é o norte-americano. Para lá costumam ir em torno de 70% das vendas externas desse produto. De outro lado, nos últimos anos, a Argentina vinha disputando com o Reino Unido a condição de segundo maior comprador de calçados do Estado, com uma participação, cada um, de cerca de 8% do total. Mas a crise econômica e social que se intensificou no país vizinho a partir de dezembro de 2001 e que vem-se prolongando ao longo de 2002 rebateu fortemente nas exportações gaúchas de calçados. Em números, isso representou vendas, de sapatos gaúchos aos argentinos, de apenas US\$ 7 milhões entre janeiro e outubro de 2002, contra US\$ 84 milhões em idêntico período de 2001, ou seja, uma queda de mais de 90%. E, como a Argentina era a maior importadora de “calçados de borracha ou plástico”, esse segmento produtivo foi o que mais sentiu a crise do país do Prata. Nesse segmento, as exportações para a Argentina, que haviam atingido US\$ 31 milhões nos primeiros 10 meses de 2001, caíram para tão-somente

---

<sup>2</sup> Estas, bem como as demais informações estatísticas que não aparecem nas tabelas e não apresentam citação de fonte, foram extraídas do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior/Sistema de Análise de Informações de Comércio Exterior (MDIC/Sistema Alice), através do site <http://aliceweb.mdic.gov.br>

US\$ 2 milhões nos mesmos meses de 2002. A crise que reduziu a renda dos argentinos também resultou na desvalorização cambial, o que, por um lado, tornou os produtos estrangeiros muito caros naquele país e, por outro, assustou os potenciais exportadores do resto do mundo, receosos de remeterem os produtos e depois não receberem as divisas correspondentes.

A falta do mercado argentino levou os exportadores gaúchos à busca de outros mercados. Nessa empreitada, obtiveram um desempenho razoável, uma vez que o mercado internacional desse produto apresenta forte concorrência da China, nos calçados de menor valor agregado, e da Espanha e da Itália, nos produtos mais elaborados. Ademais, sabedores do excesso de oferta do produto no mercado internacional — decorrência de sua não colocação no mercado argentino — e da desvalorização cambial no Brasil, os potenciais importadores forçaram uma queda dos preços externos desse produto. Assim, a redução no valor foi maior do que aquela no volume exportado. Por exemplo, no caso dos “calçados de couro”, enquanto a quantidade exportada foi praticamente a mesma (-0,2%), o resultado, em termos de valor, como já mencionado, apresentou uma queda de cerca de 9%.

Dos mercados alternativos tentados para os sapatos, pode-se dizer que o Estado alcançou sucesso apenas com o México, tanto pelo crescimento percentual como pela quantidade vendida. Com efeito, depois de vender o equivalente a US\$ 14 milhões entre janeiro e outubro de 2001, o Rio Grande do Sul exportou US\$ 23 milhões em calçados no mesmo período de 2002. Isso colocou o México como o quarto maior importador de calçados gaúchos, abaixo do Reino Unido (US\$ 73 milhões) e do Canadá (US\$ 28 milhões).

Dessa forma, apesar dos esforços dos exportadores gaúchos, aumentou a dependência do mercado dos Estados Unidos. Enquanto, nos 10 primeiros meses de 2001, 70% dos embarques gaúchos de calçados foram direcionados àquele mercado, no mesmo período de 2002 foram 72%. Esses 72% equivaleram a US\$ 735 milhões. Como, no mesmo período de 2001, o Estado havia exportado US\$ 812 milhões, ocorreu uma redução na receita de 9%. Mas observe-se, como já referido, que essa redução aconteceu, primordialmente, no valor e não no volume exportado. E, mais importante, esta não seria uma situação conjuntural. Entre os analistas do setor, há um consenso de que o calçado brasileiro “ingressou no mercado de *commodities* de baixo preço no mercado internacional”, em razão da forte concorrência dos chineses. Estes conseguiram melhorar a qualidade de seu calçado, “com a ida de 250 especialistas brasileiros para lá”, e atingiram uma fatia do mercado, particularmente o do norte-americano, até então dominada pelos brasileiros. Para fugir disso, a solução para os próximos anos seria a cadeia coureiro-calçadista do Estado investir em *design* e marca (Calçado..., 2002).

## Complexo soja

Nas estatísticas do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), os produtos que compõem o complexo soja aparecem em três capítulos da NCM: o grão está incluído no Capítulo 12 (sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes, etc.); o farelo, no Capítulo 23 (resíduos e desperdícios das indústrias alimentares, etc.); e o óleo, no Capítulo 15 (gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.). Desses capítulos, constantes da Tabela 2, a soja e seus principais derivados constituem a quase-totalidade das exportações originárias do Rio Grande do Sul. Entre janeiro e outubro de 2002, por exemplo, dos US\$ 829 milhões exportados pelo Estado através desses três capítulos, US\$ 811 milhões o foram com grão, farelo e óleo de soja.

Apesar da elevação do preço internacional da soja ao longo do ano, que, associado à forte desvalorização cambial, assegurou excelentes ganhos aos agricultores, a performance exportadora do complexo não conseguiu, pelo menos até outubro, superar o resultado obtido no mesmo período do ano passado. Com efeito, conforme mostra a Tabela 3, a soja em grão alcançou, nos 10 primeiros meses de 2002, vendas externas da ordem de US\$ 347 milhões, ou seja, uma redução de 28% frente aos US\$ 483 milhões verificados no mesmo período do ano anterior. Já a exportação de farelo de soja atingiu US\$ 288 milhões, 10% acima do resultado dos 10 primeiros meses de 2001, quando havia alcançado a soma de US\$ 261 milhões. A melhor performance relativa foi a do óleo de soja, que saltou de US\$ 111 milhões para US\$ 176 milhões, com um crescimento de 58% entre janeiro e outubro de 2001 e o mesmo período de 2002. Assim, considerando-se o complexo soja como o grão, o farelo e o óleo, tem-se, para os 10 primeiros meses de 2002, um total aproximado de US\$ 811 milhões, 5% abaixo do resultado obtido no mesmo período do ano anterior — US\$ 855 milhões.

Conforme mostram os dados da Tabela 3, o desempenho de 2002 só não foi melhor porque caiu bastante a exportação do grão de soja. E isso se deve, basicamente, à frustração da safra. Em 2002, o Rio Grande do Sul, devido a problemas climáticos, colheu cerca de 19% menos de soja do que havia colhido no ano anterior, por sinal, um ano de safra recorde. Foram 5,6 milhões de toneladas na safra 2001/2002 contra 6,9 milhões de toneladas na safra 2000/2001 (IBGE, 2002). Assim, a menor disponibilidade do produto se constituiu num motivo de redução de suas exportações. Na verdade, a queda em valor teria sido maior caso não tivesse ocorrido uma recuperação do preço internacional da soja.

Em relação aos mercados compradores de grãos dessa oleaginosa, cabe salientar a grande diminuição nos embarques para a União Européia — de US\$ 123 milhões para US\$ 31 milhões — e a não tão expressiva redução nas

vendas para a China, que continuou sendo, de longe, a nação que mais adquiriu o grão de soja do Rio Grande do Sul. Foram US\$ 240 milhões nos 10 primeiros meses de 2002, um valor cerca de 10% inferior ao do mesmo período do ano anterior. Aliás, a comercialização com a China esteve paralisada nos primeiros meses do ano porque o governo daquele país emitiu uma resolução exigindo que, a partir de março de 2002, toda a importação de soja deveria apresentar um certificado do país de origem esclarecendo se o produto era oriundo do plantio convencional-ou-se se tratava de um produto geneticamente modificado, ou seja, de um transgênico. Isso criou uma grande celeuma no mercado internacional dessa oleaginosa, com repercussões potenciais terríveis para o Brasil, uma vez que, por um lado, o plantio de transgênicos era oficialmente proibido no País, mas, por outro, era de conhecimento geral que um número expressivo de sojicultores, em especial os do sul do País, utilizavam sementes transgênicas em suas lavouras, contrabandeadas da Argentina (Produtor..., 2002).

Até o final do ano, o assunto havia assim se desenvolvido: na frente externa, a pressão do governo brasileiro — que incluiu até a ida de uma comitiva do País a Pequim para tratar do tema — acabou por levar as autoridades chinesas a adiarem, por duas vezes, a entrada em vigência da medida supracitada, primeiro para dezembro de 2002 e, posteriormente, para setembro de 2003. Isso permitiu que, apesar do susto inicial, a exportação de soja para a China ocorresse sem maiores transtornos. Na frente interna, embora já exista uma proposta para a solução do problema, este ainda não foi resolvido. Para Odilson Ribeiro, Diretor de Defesa e Inspeção Vegetal do Ministério da Agricultura, a idéia

"(...) é promover um processo de certificação semelhante ao implementado para a rastreabilidade bovina, pelo qual as certificadoras se habilitam junto ao Ministério comprovando sua capacidade para credenciar as propriedades, acompanhar o processo de produção e fornecer a certificação" (China..., 2002).

De qualquer sorte, a definição sobre a produção de transgênicos em território nacional e a forma de certificação dos produtos devem vir logo, sob pena de inviabilizar a exportação para importantes mercados já ao longo do próximo ano.<sup>3</sup>

Um conjunto de fatores explica o bom desempenho das exportações do farelo e do óleo de soja. Há quatro anos, os estoques mundiais de soja vêm

<sup>3</sup> Atualmente, a União Européia somente exige certificado para a soja destinada ao consumo humano. Mas o Parlamento Europeu já decidiu que passará a exigir a classificação do produto também para o grão destinado à fabricação de rações para a alimentação animal. Essa medida, que ainda não tem data para vigorar, deverá apressar a definição sobre o assunto, pela importância do mercado europeu para o farelo de soja produzido no Brasil. Ver Denardin (2002).

reduzindo-se em decorrência do hiato entre consumo e produção. Em 2002, a esse fator se associou à queda da safra norte-americana, o que elevou os preços do grão e derivados no mercado internacional. Ademais, a desvalorização cambial aumentou a competitividade do produto brasileiro no Exterior. Em relação ao farelo, acrescenta-se, também, a continuidade da demanda européia, uma vez que os europeus, apesar de controladas as crises da “vaca louca” e da febre aftosa ocorridas em 2001, continuaram dando preferência, na ração animal, ao farelo de soja em relação ao farelo de osso. Além de conseguir um resultado próximo ao do ano de 2001, onde foram excelentes as vendas de farelo de soja para a Europa, em 2002 cresceram bastante as exportações desse subproduto para países asiáticos, como a Arábia Saudita, a Tailândia e a Indonésia.

Quanto às exportações do óleo de soja, o destaque foram as vendas para a China. O Estado, que em 2001 não havia comercializado esse produto com aquele país do Extremo Oriente, vendeu, nos 10 primeiros meses de 2002, US\$ 61 milhões, ou seja, 35% do total exportado com óleo de soja. Nos últimos anos, a China vinha criando barreiras à importação desse produto e facilitando a do grão para forçar a industrialização doméstica. No entanto, quando de seu ingresso na Organização Mundial do Comércio (OMC), em janeiro de 2002, ficou acordado, dentre outros pontos, obviamente, que o país reabriria seu mercado à importação do óleo de soja (Welter, 2002).

## Fumo

Segundo maior produto da pauta exportadora gaúcha, o fumo apresentou, em 2002, até outubro, uma receita decorrente das vendas externas da ordem de US\$ 775 milhões, o que significa uma expansão de 2% sobre o valor de igual período de 2001, que alcançou US\$ 759 milhões (Tabela 2). As variedades mais vendidas foram, como usualmente acontece, o fumo tipo virgínia, que passou de US\$ 570 milhões para US\$ 581 milhões, isto é, 1,8% de aumento, e o tipo *burley*, de US\$ 111 milhões para US\$ 121 milhões, com crescimento de 9% (Tabela 3).

O Brasil é o maior exportador mundial de fumo — recentemente desbancou os Estados Unidos —, e o Rio Grande do Sul, o maior exportador brasileiro.<sup>4</sup> Normalmente, o Estado colhe em torno de 50% da produção nacional — bem acima de Santa Catarina (35%) e do Paraná (12%) —, mas é responsável por

---

<sup>4</sup> O Brasil é também o segundo produtor mundial de fumo, atrás apenas da China (Safra..., 2002).

mais de 80% das vendas externas desse produto, porque, no Estado, mais particularmente na região de Santa Cruz do Sul, estão instaladas as principais indústrias processadoras de fumo. No decorrer de 2002, como se aconteceu, os maiores mercados compradores foram a União Européia e os Estados Unidos, em primeiro plano, seguidos do Japão, da China e do Leste Europeu, com destaque para a Rússia. Para a União Européia, foram vendidos US\$ 269 milhões, redução de 5%, e, para os Estados Unidos, US\$ 154 milhões, crescimento de 14%.

O desempenho do setor fumageiro do Rio Grande do Sul nesses 10 primeiros meses de 2002, que, tudo indica, se manterá até o fim do ano, pode ser considerado excelente. Embora o crescimento sobre o ano anterior tenha sido modesto, esse é um resultado obtido sobre um outro ano excepcional para o setor, que foi 2001. Nestes últimos anos, a ótima performance obtida pelo setor pode ser creditada a três fatores: excelentes safras, fumo de boa qualidade e redução na produção dos principais concorrentes em nível internacional, os Estados Unidos e o Zimbábue. Voltando agora à situação de 2002, a produção colhida foi recorde, a qualidade do fumo, embora não superior à de 2001, foi considerada boa, ao mesmo tempo em que, tanto os Estados Unidos, devido aos altos custos de produção, quanto o Zimbábue, devido aos conflitos agrários em seu território, apresentaram queda de produção. Disso, então, se aproveitou a indústria fumageira nacional, conquistando novas fatias do mercado externo.<sup>5</sup>

## Complexo carnes

As exportações de carnes do Rio Grande do Sul estão concentradas em dois capítulos da NCM, o número 2 (carnes e miudezas, comestíveis) e o número 16 (preparações de carne, de peixes ou de crustáceos, etc.). O primei-

<sup>5</sup> O Brasil ganhou espaço no mercado internacional principalmente em cima de Zimbábue. Esse país africano, que exporta praticamente tudo o que produz de fumo, teve uma redução na produção de 245 mil toneladas em 1999 para 165 mil em 2002. Já a produção norte-americana caiu de 604 mil toneladas em 1998 para 372 mil em 2002, uma produção inferior ao que o Brasil deverá exportar nesse mesmo ano — 430 mil toneladas (Cigana 2002, Riveras, 2002). Difícilmente, os produtores norte-americanos recuperarão custos de modo a se tornarem mais competitivos que o Brasil. Já a situação na África é de outra natureza: a decisão do Presidente do Zimbábue, Robert Mugabe, de confiscar as terras de três mil fazendeiros brancos para distribuí-las à população nativa reduziu drasticamente a produção de fumo. No entanto, há informações de que uma parcela dessa produção "(...) estaria migrando para outros países do continente — como Moçambique, Zâmbia, Tanzânia e Uganda —, mas em ritmo **ainda** (grifo nosso) insuficiente para recuperar os antigos volumes colhidos na África" (Cigana, 2002).



ro, que, *grosso modo*, abriga as vendas externas de carne *in natura*, é o mais importante em termos de valor, conforme pode ser visto na Tabela 2. E, dentre os segmentos produtivos de carnes, a exportação de carne de aves (frango) assume um papel de destaque. Bastante atrás dela estão as vendas externas de carne de suínos e de carne bovina. Entre janeiro e outubro de 2002, as exportações do complexo carnes, considerando os Capítulos 2 e 16 da NCM, alcançaram um valor de US\$ 425 milhões, 5,5% superior aos US\$ 403 milhões de igual período do ano anterior. A seguir, comenta-se a performance de cada segmento produtivo.

## Carne de aves

Os dados da Tabela 3 mostram que o Rio Grande do Sul exportou, nos primeiros 10 meses de 2002, US\$ 162 milhões em cortes de frango contra US\$ 149 milhões no mesmo período do ano anterior. Dentre os principais compradores, destacam-se o Reino Unido e a Holanda na Europa e o Japão na Ásia. Para o Reino Unido, foram exportados US\$ 33 milhões contra US\$ 27 milhões no mesmo período do ano anterior, e, para a Holanda, US\$ 23 milhões, um resultado 28% abaixo do verificado entre janeiro e outubro de 2001, quando as vendas externas haviam alcançado US\$ 32 milhões. Já para o Japão, foram exportados cortes de frango, nesses 10 primeiros meses de 2002, no valor de US\$ 31 milhões, 55% a mais do que o resultado de 2001.

Por outro lado, as vendas externas de frangos inteiros alcançaram, nos dois períodos considerados, praticamente o mesmo valor, isto é, US\$ 122 milhões. Aqui, os principais importadores foram a Rússia e a Arábia Saudita. Enquanto a primeira comprou do Rio Grande do Sul US\$ 34 milhões, 26% mais que em igual período do ano anterior, o país do Oriente Médio — uma região tradicionalmente compradora de frangos inteiros do Estado — adquiriu US\$ 29 milhões, redução de 27% em relação a 2001.

Em suma, considerando esses dois segmentos, tem-se que as vendas gaúchas de frango ao Exterior, até outubro de 2002, alcançaram US\$ 284 milhões contra US\$ 271 milhões em igual período do ano anterior, o que representa um crescimento de cerca de 5%. Até o momento, sem dúvida, é um resultado muito bom. Todavia é provável que essa taxa de crescimento não se mantenha até o final do ano. Veja-se por quê.

O ano 2001 foi excelente para a avicultura gaúcha. Problemas sanitários no rebanho bovino europeu (febre aftosa e doença da “vaca louca”) ocasionaram uma substituição da carne vermelha na dieta alimentar dos cidadãos daquele continente, o que levou a um aumento das exportações da carne de frango produzida no Rio Grande do Sul. O Estado também se aproveitou de outro pro-

blema sanitário, desta vez no rebanho avícola dos Estados Unidos, para ganhar espaço no mercado japonês.

Em 2002, uma série de acontecimentos foi minando a expectativa inicial de superar o desempenho de 2001. Apesar do aumento nas exportações para a Rússia, devido, em parte, à ausência da produção norte-americana naquele mercado por sete meses, e da desvalorização cambial, que tornou o produto brasileiro ainda mais competitivo, o controle das doenças do rebanho bovino retomou, pelo menos em parte, o mercado anterior da carne vermelha na Europa. Além disso, os Estados Unidos voltaram ao mercado japonês e houve excesso de carne de frango no mercado mundial, o que deprimiu seus preços.

Mais importante, ainda, foi a resolução da União Européia, que aumentou o teor do sal nos cortes de frango importados e mudou a classificação desse produto. Com isso, a tarifa de importação de cortes que era 15% saltou para 70% (Franco, 2002). Essa medida, supostamente técnica, mas que, sem dúvida, objetivou criar uma barreira não tarifária para proteger os produtores locais, entrou em vigor em julho de 2002, mas como alguns frigoríficos brasileiros tinham licença para vender até o final de outubro, os compradores europeus acabaram antecipando importações (Rocha, 2002). Por isso, cresceram bastante as exportações de frango para a Europa entre setembro e outubro. Mas, para os dois últimos meses do ano, é de se presumir uma queda acentuada nos embarques de frango para a aquela região. Por outro lado, como as exportações para o Japão saltaram nos últimos meses do ano passado, aumentando a base para a comparação, é de se esperar, também, que, considerando o ano cheio, não se mantenha a taxa de crescimento verificada até então (outubro) no comércio de frangos com aquele país do Extremo Oriente. Por essas razões, se, em 2002, as vendas externas de frango crescerem comparativamente às de 2001, isso terá sido um grande feito.

## **Carne suína**

Os embarques de carne suína (outras carnes de suíno congeladas), de acordo com a Tabela 3, alcançaram, entre janeiro e outubro de 2002, cerca de US\$ 51 milhões, quase 2% acima do valor obtido em igual período de 2001. Os principais mercados compradores foram, pela ordem, Rússia, Hong Kong, Argentina e Uruguai.

Em 2001, o Rio Grande do Sul, ainda como conseqüência de problemas de febre aftosa no seu rebanho bovino, viu-se impossibilitado, durante praticamente todo o ano, de exportar carne suína para a Rússia, que, nesse período, se transformou no maior importador do Brasil. Assim, o Estado perdeu uma

oportunidade valiosa de captar parte das divisas que o resto do País conseguiu.<sup>6</sup> Depois de quase um ano sem autorização para exportar para o mercado russo, o Rio Grande do Sul voltou a receber permissão no começo de abril de 2002. Daí em diante, cresceram muito as exportações para aquele país euro-asiático, e foi esse crescimento que compensou a também vertiginosa queda nas vendas externas para a Argentina. Ou seja, entre os 10 primeiros meses de 2001 e os 10 primeiros de 2002, enquanto os embarques para a Rússia saltaram de US\$ 6 milhões para US\$ 26 milhões, os para a Argentina regrediram de US\$ 26 milhões para apenas US\$ 4 milhões. Já os para Hong Kong se mantiveram estáveis, em torno de US\$ 10 milhões, e os para o Uruguai caíram de US\$ 4 milhões para US\$ 3 milhões.

A redução nas vendas para os vizinhos do Prata decorre, obviamente, da crise econômica por que passam esses países. Já o resultado com a Rússia foi consequência, também, da melhor competitividade do produto nacional, viabilizada pela desvalorização cambial que se acelerou à medida que se aproximava a eleição presidencial. Com o preço no mercado internacional em queda, devido ao excedente de oferta, e com os custos de produção em alta, em virtude do crescimento do preço do milho no mercado interno, a cadeia produtiva de suínos foi, em parte, compensada quando da troca de dólares por reais.

Um dos principais obstáculos à expansão das exportações de carne suína é a estreiteza do mercado externo. Até o ano 2000, o Estado (e o País) tinham, praticamente, só Argentina, Hong Kong e Uruguai como compradores desse produto. Depois, ingressou a Rússia, mas, como foi visto, o Rio Grande do Sul só pôde tirar proveito disso em 2002. Nesse ano, até setembro, os russos haviam adquirido cerca de 80% das exportações brasileiras e mais de 50% das exportações gaúchas de produtos suínos (Landim, 2002). Essa dependência tem levado os representantes da cadeia produtiva a procurarem novos mercados. Existe alguma expectativa em relação à China e às Filipinas a partir de 2003, mas os alvos maiores são o mercado europeu, que continua fechado à carne suína brasileira, e, principalmente, o mercado japonês, o maior importador mundial desse produto, mas que também ainda não adquire produtos suínos do Brasil.

## Carne bovina

Embora a exportação de carne bovina *in natura* seja um dos principais objetivos da cadeia produtiva de bovinos do Rio Grande do Sul, o Estado não tem conseguido colocar no Exterior um volume expressivo desse tipo de carne.

---

<sup>6</sup> Ver, a respeito, Garcia (2002; 2002a).

3

E a situação ficou muito pior a partir de agosto de 2000, com o surgimento de focos de febre aftosa no Estado, que perdeu quase todos os poucos mercados que detinha. Assim, as exportações de carne *in natura* não aparecem na Tabela 3 porque não se encontram entre as 50 mercadorias mais exportadas pelo Rio Grande do Sul. Na verdade, os embarques desse produto alcançaram a soma irrisória de US\$ 12,5 milhões nos 10 primeiros meses de 2002 contra US\$ 11,6 milhões no mesmo período de 2001.

A notícia alvissareira para o setor ocorreu no final de 2002, mais precisamente no dia 27 de novembro, quando a Comissão de Aftosa da Organização Mundial de Epizootias (OIE), reunida em Duque de Caxias, no Estado do Rio de Janeiro, declarou o Rio Grande do Sul como zona livre de febre aftosa **com vacinação**. Com isso, se tudo correr bem, e depois de cumprir algumas exigências, dentre as quais ficar um ano sem vacinar seu rebanho, o Estado poderá pleitear seu objetivo maior que é ser declarado zona livre de febre aftosa **sem vacinação**. Até lá, no entanto, o Rio Grande do Sul já poderá disputar o mercado internacional de carne *in natura* com razoáveis possibilidades de sucesso. Por exemplo, o referido foco de febre aftosa descoberto em 2000 — quando o Estado ainda não era, mas já pleiteava ser zona livre de febre aftosa **sem vacinação** —, fez com que fossem interrompidas negociações com os Estados Unidos para a exportação de carne fresca, um negócio que envolvia cerca de US\$ 60 milhões. Fez também com que fossem suspensas as exportações para o Chile, a Rússia e o Egito, além de canceladas negociações com a União Européia e o Canadá (Mello, 2002). Agora, pelo menos, a esperança voltou.

Em relação à carne bovina industrializada (preparações alimentícias e conservas de bovinos), conforme mostra a Tabela 3, ocorreu um crescimento de pouco mais de 9% no valor dos embarques, isto é, passou de US\$ 20 milhões entre janeiro e outubro de 2001 para US\$ 22 milhões no mesmo período de 2002. O Reino Unido e os Estados Unidos foram os principais importadores. O primeiro comprou, aproximadamente, US\$ 8 milhões nos dois subperíodos analisados, e os Estados Unidos, que haviam adquirido US\$ 6 milhões entre janeiro e outubro de 2001, compraram um pouco mais no mesmo período de 2002, cerca de US\$ 7 milhões.

## **Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos e suas partes**

O Capítulo 84 da NCM, reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos e suas partes, apresentou exportações equivalentes a US\$ 360 milhões ao longo dos 10 primeiros meses de 2002. Esse resultado é 12% superior ao registrado em igual período de 2001, quando o valor

com as vendas externas atingiu US\$ 322 milhões. Esse capítulo, como o próprio nome sugere, engloba uma expressiva diversidade de mercadorias. Todavia, no caso da pauta exportadora do Rio Grande do Sul, apresentam peso significativo apenas três delas: motores diesel, máquinas e aparelhos para a colheita e aparelhos de ar condicionado. Na verdade, nos últimos anos, motores diesel vêm se distanciando das demais e consolidando uma posição hegemônica.

Os motores diesel exportados pelo Estado são fabricados pela International Engines South America — empresa do norte-americano International Engines Group —, que possui uma unidade fabril na cidade de Canoas, na Região Metropolitana de Porto Alegre. Entre janeiro e outubro de 2002, foram comercializados no Exterior motores que renderam US\$ 139 milhões, expressando um crescimento de 90% sobre os US\$ 72 milhões embarcados no mesmo período de 2001. Além do expressivo incremento, ocorreu um redirecionamento no destino desses produtos; na verdade, no destino inicial desses produtos, porque o final se manteve o mesmo. Veja-se por quê.

Considerando os 10 primeiros meses de cada ano, tem-se que, em 2001, o Estado vendeu US\$ 64 milhões em motores diesel para o México e, em 2002, apenas US\$ 1,5 milhão. Já os Estados Unidos, que haviam adquirido, em 2001, o equivalente a US\$ 8 milhões, compraram US\$ 137 milhões em 2002. As vendas para o México eram decorrentes de um contrato firmado em 2000 entre a International e a Ford mexicana, que previa a remessa de 25 mil motores por quatro anos. Esses motores equipavam as caminhonetes Ford, que eram, através do Acordo Norte-americano de Livre Comércio (NAFTA), exportadas para os Estados Unidos. Em decorrência dos acontecimentos de 11 de setembro de 2001, caíram as exportações da Ford mexicana para os Estados Unidos, e, por isso, as importações do Brasil foram suspensas. De outro lado, no entanto, a própria Ford dos Estados Unidos, em razão da qualidade e do preço competitivo, passou a importar da International do Brasil o motor V8 Power Stroke, para abastecer seus veículos produzidos em território norte-americano. Ademais, o International Engines Group, pelas mesmas razões, também passou a demandar motores diesel de sua planta no Brasil para equipar ônibus — os conhecidos ônibus escolares — e caminhões que a empresa produz nos Estados Unidos. Assim sendo, deslançaram as exportações gaúchas de motores diesel. Haviam sido de 29 mil motores em 2001, dirigidos, basicamente, para o México, e deverão atingir 44 mil em 2002, quase todos tendo como destino os Estados Unidos.

Já aparelhos de ar condicionado e máquinas e aparelhos para a colheita inverteram as posições no *ranking* do Capítulo 84. Por estar com as vendas muito concentradas em apenas dois mercados e não conseguir recuperar a queda brutal verificada nas exportações para a Argentina — de US\$ 8 milhões para US\$ 200 mil — com os embarques para os Estados Unidos — que tam-

bém caíram, de US\$ 15 milhões para US\$ 8 milhões —, a Springer Carrier, produtora de aparelhos de ar condicionado no Estado, viu declinarem as vendas totais desse produto no mercado externo, de US\$ 29 milhões para US\$ 15 milhões.<sup>7</sup> Por outro lado, a diversificação de mercados ajudou a exportação de máquinas e aparelhos para colheita. Além do bom resultado no mercado interno, também cresceram os embarques para o Exterior. Foram US\$ 33 milhões nos 10 primeiros meses de 2002 contra US\$ 22 milhões no mesmo período de 2001. O destino dessas mercadorias foram vários países da América Latina, que — com exceção da Argentina e do Equador — mantiveram ou até aumentaram suas compras, os países da Europa, inclusive os do Leste Europeu, e alguns do Oriente Médio, como o Iraque e o Irã.

## **Veículos automóveis, tratores, etc., suas partes e acessórios**

Dentre os principais capítulos de NCM que compõem a pauta exportadora do Rio Grande do Sul, o de nº 87, veículos automóveis, tratores, etc., suas partes e acessórios, foi um dos que apresentou melhor desempenho em 2002. Entre janeiro e outubro desse ano, foram comercializadas no Exterior mercadorias no valor de US\$ 305 milhões, resultado este 23% superior ao do mesmo período do ano anterior. Através desse capítulo, o Estado exporta, principalmente, carrocerias para ônibus, ônibus, tratores e partes e acessórios para tratores e veículos automóveis.

Os embarques de carrocerias e ônibus são realizados principalmente pela empresa Marcopolo, uma multinacional brasileira com sede em Caxias do Sul.<sup>8</sup> As exportações de tratores e suas partes são realizadas pela AGCO, que possui uma planta em Canoas e comercializa a marca Massey Ferguson, e a John Deere, que possui sua unidade fabril em Horizontina.

<sup>7</sup> Conforme José Blasco, Gerente de Exportações da Springer Carrier, uma das estratégias da empresa é a de adequar produtos na busca de novos mercados. Nesse sentido, o executivo afirma que "(...) nosso produto está sendo adaptado às peculiaridades da Índia, onde as temperaturas podem chegar a 52° C. Este mercado é uma das nossas grandes apostas". A expectativa é a de que as vendas da empresa para aquele país asiático alcancem US\$ 5 milhões em 2003 contra apenas US\$ 600 mil em 2002 (Welter, 2002a).

<sup>8</sup> Além de fábricas em Caxias do Sul e no Rio de Janeiro, no Brasil, a Marcopolo possui, ainda, montadoras na Argentina, na Colômbia, no México, na África do Sul e em Portugal. Além disso, através de uma parceria com a Iveco, do Grupo Fiat, a empresa exporta tecnologia para a China. Ver Garcia (2002, p. 106).

Conforme mostra a Tabela 3, nos primeiros 10 meses de 2002, os embarques de carrocerias alcançaram US\$ 96 milhões, um resultado 28% acima do obtido em igual período de 2001, quando as vendas haviam atingido US\$ 75 milhões. Também cresceram as exportações de ônibus (veículos automóveis para transporte superior ou igual a 10 pessoas, com motor diesel), de US\$ 29 milhões para US\$ 37 milhões, ou seja, incremento de 28%. Os maiores compradores de carrocerias foram o México, com US\$ 32 milhões, e a Arábia Saudita, com US\$ 26 milhões. O decréscimo nas vendas para o México — havia sido US\$ 46 milhões no mesmo período de 2001 — foi amplamente compensado nos embarques para a Arábia Saudita, que havia comprado apenas US\$ 89 mil nos 10 primeiros meses de 2001. No México, de onde pretende, a partir de 2004, exportar para os Estados Unidos, a Marcopolo monta ônibus em parceria com a Mercedes-Benz, que fornece o chassis (Bueno, 2002). O excelente resultado com a Arábia Saudita decorre de um acordo firmado em 2001 com uma empresa transportadora daquele país para a entrega de 1,5 mil carrocerias, inicialmente até 2004, mas que teve seu cronograma antecipado, com o novo término previsto para 2003.<sup>9</sup> Já os ônibus foram comercializados, basicamente, com a África do Sul (US\$ 15 milhões) e com a República Dominicana (US\$ 9 milhões). Este último valor resultou da compra, pelo país centro-americano, de 255 microônibus do modelo Volare, fabricado pela Marcopolo (Marcopolo..., 2002).

Das principais mercadorias do Capítulo 87 da NCM, a de outras partes e acessórios para tratores e veículos automotores foi a única que teve um decréscimo nas exportações, quando se comparam os 10 primeiros meses de 2001 com os 10 primeiros de 2002. Foram US\$ 47 milhões neste último período e haviam sido US\$ 49 milhões no anterior, o que significa uma redução de menos de 4%. Em 2002, as vendas desses produtos foram relativamente pulverizadas, sobressaindo-se as para os Estados Unidos (US\$ 11 milhões), o Irã (US\$ 6 milhões) e a Itália (US\$ 5 milhões).

Já as exportações de tratores estiveram mais concentradas. Do total de US\$ 79 milhões obtidos com a comercialização dessa mercadoria no mercado externo — crescimento de 46% —, US\$ 30 milhões foram para os Estados

<sup>9</sup> Conforme o jornal **Gazeta Mercantil**, "(...) o negócio foi fechado à base de 200 carroçarias em 2001, 400 unidades em 2002, mais 400 em 2003 e as 500 restantes em 2004. O novo ritmo estipula que as 1.300 carroçarias distribuídas entre 2002 e 2004 sejam entregues até 2003. Além dessa mudança, a Taseco — transportadora de peregrinos aos templos religiosos muçulmanos de Meca e Medina, cidades da Arábia Saudita que recebem milhares de fiéis — decidiu que, do lote total, 85 carroçarias tenham o teto removível por exigência de uma ala de fiéis que, por convicção religiosa, submetem-se às agruras da penitência terrena. Para esses fiéis, a Marcopolo projetou uma carroçaria com teto aparafusado e estrutura lateral reforçada" (Feltrin, 2002).

Unidos, US\$ 18 milhões para a Venezuela — contra US\$ 500 mil no ano anterior —, e todo o resto, praticamente para outros países da América Latina, cabendo destacar a redução nas vendas para a Argentina (de US\$ 11 milhões para US\$ 2 milhões). Tradicionalmente, o principal mercado para os tratores produzidos no Rio Grande do Sul está localizado nos países da América Latina, em especial nos da América do Sul. Desde o final de 2000, no entanto, o fechamento de uma unidade fabril da AGCO na Turquia, que detinha um nicho do mercado norte-americano, abriu espaço para o trator produzido pela empresa no Estado.<sup>10</sup> Para janeiro de 2003, está prevista a desativação de mais uma unidade da AGCO, a da localidade de Coventry, na Inglaterra, com a transferência de parte de suas operações para o Brasil. Conforme o Diretor de Manufaturas e Compras da empresa, Roberto Dall' Agnol, "(...) a transferência da produção para o Brasil abre mercados em mais 41 países, além dos 24 já atendidos pela fábrica de Canoas" (AGCO..., 2002).

## Produtos petroquímicos

Os produtos petroquímicos estão inseridos em dois capítulos da NCM, o de nº 39, plásticos e suas obras, e o de nº 29, produtos químicos orgânicos. Através do primeiro, o Rio Grande do Sul exportou, nos 10 primeiros meses de 2002, o equivalente a US\$ 179 milhões, expressando uma redução de 20% sobre igual período do ano anterior. Já em produtos químicos orgânicos, o Estado embarcou para o Exterior o equivalente a US\$ 103 milhões de janeiro a outubro de 2002, crescimento de 4% sobre o mesmo período de 2001 (Tabela 2). Na Tabela 3, onde os dados estão desagregados, percebe-se que as vendas externas de plásticos e suas obras são, basicamente, de polietilenos — sem carga, densidade superior ou igual a 0,94, em forma primária; sem carga, densidade superior a 0,94, em forma primária; e linear, densidade inferior a 0,94, em forma primária — enquanto as de produtos químicos orgânicos referem-se, primordialmente, a benzeno e a éter metil-terbutílico (MTBE).

Os polietilenos têm como principal mercado a Argentina, ao passo que benzeno e MTBE são exportados, basicamente, para os Estados Unidos. O comportamento das vendas externas desses produtos está relacionado ao desempenho dos dois maiores mercados compradores. Nos 10 primeiros meses de 2000, por exemplo, o capítulo plásticos e suas obras apresentava exportações da ordem de US\$ 302 milhões, caiu em 2001 para US\$ 218 milhões e, conforme mencionado acima, chegou a US\$ 179 milhões em 2002. À medida que se acelerava a crise argentina, reduziam-se as exportações gaúchas de

<sup>10</sup> Ver Garcia (2002, p. 107).



polietilenos. A situação agravou-se ainda mais após dezembro do ano passado (2001), quando a mudança no regime cambial do país vizinho e a conseqüente desvalorização do peso argentino tornaram suas importações mais caras. Por isso, ainda que comparadas a uma base relativamente baixa, a de 2001, as vendas externas dessas mercadorias apresentaram-se em queda no ano 2002. Nos 10 primeiros meses desse ano, as exportações para a Argentina dos três tipos de polietilenos supramencionados alcançaram US\$ 38 milhões, enquanto em igual período de 2001 haviam atingido US\$ 72 milhões. Uma parte dessa perda foi compensada com o crescimento das vendas para a Espanha, a China e a África do Sul.

A base de comparação relativamente baixa — em 2001 os embarques de produtos químicos orgânicos haviam decrescido cerca de 50% — e a recuperação da economia norte-americana parecem ter sido as causas para a retomada do crescimento das vendas externas das duas principais mercadorias desse capítulo. As exportações de benzeno para os Estados Unidos passaram de US\$ 20 milhões para US\$ 25 milhões, e as de MTBE, de US\$ 23 milhões para US\$ 24 milhões.

## Couros

Os dados referentes ao Capítulo 41 da NCM — peles ( exceto peleteria) e couros — mostram uma evolução positiva nas vendas externas. Ou seja, a exportação de couros — o produto desse capítulo que o Estado comercializa com o resto do mundo —, que havia alcançado US\$ 249 milhões entre janeiro e outubro de 2001, atingiu US\$ 255 milhões no mesmo período de 2002, apresentando, portanto, um incremento de 2% (Tabela 3). Em termos percentuais não foi muito, mas, devido a fatores que serão vistos mais adiante, deve ser comemorado como um bom desempenho. Antes, porém, algumas observações.

Deve causar estranheza ao leitor que observar a Tabela 3 — aquela referente às principais mercadorias — os dados estatísticos correspondentes aos valores da exportação de couros. Veja-se que todas essas mercadorias — do Capítulo 41 e que começam por “outros couros...” — apresentam, para os 10 primeiros meses de 2001 nenhuma exportação ( 0 ) e, para os 10 primeiros meses de 2002, valores que variam, *grosso modo*, entre US\$ 30 milhões e US\$ 45 milhões. Por que isso? E, mais ainda, por que para o Capítulo 41, que representa o agregado dessas mercadorias constantes da Tabela 3 e de outras menos relevantes, os valores de 2001 e 2002 são aproximados, conforme visto acima? Simplesmente porque, em março de 2002, ocorreu uma alteração na NCM, o que atingiu, dentre outros, o Capítulo 41. Com isso, as mesmas mercadorias “trocaram de nome” e, daí em diante, foram classificadas com outra

numeração. Por isso, passaram de zero para um valor elevado. Por isso também, as mesmas mercadorias classificadas pela numeração anterior aparecerem com quedas vertiginosas nas vendas externas. É o caso, por exemplo, da antiga couro/pele bovina, preparado após curtimento, plena flor, com acabamento, que cai de US\$ 122 milhões para US\$ 25 milhões, e de outras mercadorias não incluídas na Tabela 3 por não estarem entre as “50 mais exportadas” em 2002.<sup>11</sup>

Agora, a análise conjuntural: Em 2001, as doenças da “vaca louca” e da febre aftosa na Europa fizeram subir o preço do couro no mercado internacional, principalmente no primeiro semestre, e abriram mercados para o produto brasileiro. Em 2002, o preço médio do couro voltou ao, digamos, seu ritmo normal. Além disso, o crescimento apenas moderado das economias estadunidense e européia também ajudou na queda dos preços do produto. Dessa forma, o aumento no volume exportado, de 8%, situou-se acima dos 2% supramencionados e que se referem ao crescimento em termos de valor. Mas, por outro lado, deve-se mencionar que o imposto de 9% cobrado sobre a exportação do couro *wet blue* serviu para segurar a ascensão das exportações gaúchas desse produto de pouco valor agregado, ao passo que a desvalorização do real proporcionou uma expansão das vendas externas dos couros de maior valor agregado, como o *crust* (semi-acabado) e o acabado. Os maiores compradores do couro oriundo do Rio Grande do Sul foram a Itália (US\$ 52 milhões, decréscimo de 2%), os Estados Unidos (US\$ 50 milhões, incremento de 18%), Hong Kong (US\$ 41 milhões, diminuição de 10%) e a China (US\$ 31 milhões, acréscimo de 32%).

## Móveis

As exportações de móveis alcançaram, entre janeiro e outubro de 2002, um valor de US\$ 121 milhões, valor este inferior em 5% aos US\$ 127 milhões do mesmo período do ano anterior (Tabela 2). Dada a conjuntura internacional, foi um resultado muito bom. Com efeito, o maior mercado para os móveis gaúchos em 2001 havia sido o da Argentina. Para lá, naquele ano — considerando somente os 10 primeiros meses para ter sentido a comparação —, o Estado havia remetido o equivalente a US\$ 34 milhões. Se forem acrescentadas as vendas

<sup>11</sup> Para maiores detalhes, consultar os boletins de 2002 da Associação das Indústrias de Couro do Rio Grande do Sul (AICSul). Conforme o consultor econômico da entidade, André Maurício dos Santos, essa troca de numeração ocasionou alguns transtornos mais sérios, como o de uma parcela de “couros de bovinos”, pequena, diga-se de passagem, sendo lançada em “couros de equinos”. Ressalte-se, por via das dúvidas, que esse erro, como aconteceu entre mercadorias incluídas no Capítulo 41, não influenciou no resultado final do mesmo.

para o Uruguai — na época, o quarto maior importador de móveis gaúchos —, que atingiram US\$ 11 milhões, tem-se, então, que, para os vizinhos do Prata, o Rio Grande do Sul exportou US\$ 45 milhões. Pois, entre janeiro e outubro de 2002, o Estado vendeu, para esses mesmos dois países, tão-somente US\$ 6 milhões, mais precisamente US\$ 5,1 milhões para o Uruguai e US\$ 800 mil para a Argentina, sendo que, deste último, sequer conseguiu cobrar débitos do período anterior.<sup>12</sup> Assim, em relação a esses dois países, o RS exportou US\$ 39 milhões a menos. No entanto, cresceram muito os embarques para os Estados Unidos, de US\$ 24 milhões para US\$ 42 milhões (+75%), apesar da concorrência da China, “(...) que leva vantagem em função da baixa remuneração do trabalho” (Wilke, 2002). Dessa forma, o decréscimo nas vendas para o Mercosul foi quase todo neutralizado pelo aumento das exportações para os Estados Unidos. Este foi, sem dúvida, um excelente resultado, uma vez que se estima um crescimento apenas moderado, de 2,2%, para a economia norte-americana em 2002.<sup>13</sup>

## 2 - Exportações por destino

Sem dúvida, o destaque negativo nas exportações gaúchas de 2002 foi a queda vertiginosa nas vendas para a Argentina. A importância desse país vizinho para o comércio exterior do Estado, por um lado, e a crise econômica por que ele passou ao longo de 2002 — consubstanciada numa redução da atividade produtiva da ordem de 16% e numa substancial desvalorização de sua moeda nacional —, por outro, resultaram numa diminuição de quase US\$ 344 milhões nas exportações gaúchas para aquele mercado. Haviam sido US\$ 503 milhões nos 10 primeiros meses de 2001, e foram apenas US\$ 159 milhões no mesmo período de 2002. Essa queda afetou produtos importantes da pauta exportadora do Estado, como calçados, produtos petroquímicos, móveis, carne de suínos e tratores. Contaminado pela crise argentina, o Uruguai também reduziu sua atividade econômica e, por conseguinte, suas importações do Rio Grande do Sul, mas, como se trata de um economia pequena, o impacto sobre as vendas

---

<sup>12</sup> Conforme o Presidente da Associação de Móveis do Estado do Rio Grande do Sul (Movergs), Sérgio Dalla Costa, os débitos, que chegaram a acumular US\$ 11 milhões, estavam, em outubro de 2002, em US\$ 1,32 milhão. Nesse momento, devido à necessidade de reabastecimento de móveis por parte de empresas argentinas, as negociações para novas remessas haviam recomeçado. Mas, de acordo com Dalla Costa, “(...) a venda na base da confiança acabou. Agora, somente com pagamento antecipado ou através da garantia de bancos ou dos Bancos Centrais dos dois países” (Viscardi, 2002).

<sup>13</sup> Esta e as outras previsões de crescimento das economias nacionais foram retiradas de **World Economic Outlook** (2002), do Fundo Monetário Internacional (FMI).

externas do Estado teve um significado limitado, cerca de US\$ 50 milhões (Tabela 4). Considerando-se que também o Paraguai diminuiu suas compras do Estado, em US\$ 13 milhões, tem-se, então, que as aquisições dos parceiros do Mercosul diminuíram, aproximadamente, US\$ 406 milhões, ou seja, passaram de US\$ 726 milhões nos 10 primeiros meses de 2001 para apenas US\$ 320 milhões em idêntico período de 2002.

Também no comércio com a União Européia, ocorreu uma diminuição nas exportações gaúchas, de US\$ 1,16 bilhão para US\$ 1,05 bilhão, quer dizer, queda de US\$ 112 milhões. E aqui está bem localizada a causa da perda: a redução nas vendas de grão e de farelo de soja, devido à já mencionada frustração da safra gaúcha desse produto em 2002. Considerando-se apenas essas duas mercadorias, a redução foi de US\$ 126 milhões, sendo US\$ 92 milhões nas exportações do grão e US\$ 34 milhões nas de farelo. Em relação ao demais produtos, como fumo, calçados, carne de aves e couros, as vendas mantiveram-se sem grandes oscilações. Embora, em termos absolutos, não movimente um valor muito expressivo, cabe registrar o crescimento de 16% nas vendas de móveis para aquela região e, ainda, conforme explicado na seção correspondente, que existe uma expectativa de queda acentuada nas vendas de carne de aves para a União Européia em 2003.

Por outro lado, o destaque positivo foi o fato de que, apesar do fraco desempenho no Mercosul — leia-se Argentina — e, em segundo plano, na União Européia, as exportações gaúchas declinaram relativamente pouco entre janeiro e outubro de 2002 comparativamente ao mesmo período do ano anterior. Considerando-se o total das vendas externas do Rio Grande do Sul nesses dois períodos, chega-se a uma redução inferior a 2% ou, em termos absolutos, a US\$ 97 milhões. Assim, cabe a pergunta: em que mercados o Estado recuperou o que perdeu no Mercosul e na União Européia? Bem, em praticamente todas as outras regiões do planeta, a saber, na área do NAFTA, na área da ALADI (exclusive Mercosul e México), na Europa Oriental, no Oriente Médio, na Ásia (exclusive Oriente Médio) e na África. Senão, veja a Tabela 4.

Para os Estados Unidos, o principal parceiro, as exportações gaúchas cresceram US\$ 190 milhões, quando se comparam os 10 primeiros meses de 2001 com igual período de 2002, isto é, passaram de US\$ 1,36 bilhão para US\$ 1,55 bilhão, significando um aumento de 14%, o que é um ótimo resultado, porque se estima um crescimento de 2,2% para a economia norte-americana em 2002. Para esse mercado, o Rio Grande do Sul exportou, como de praxe, um ampla variedade de produtos, como calçados, produtos químicos orgânicos (benzeno e MTBE), fumo, tratores e couros. As melhores performances aconteceram na vendas de motores diesel, de US\$ 8 milhões para US\$ 137 milhões, e de móveis, de US\$ 24 milhões para US\$ 42 milhões. Ainda em relação à área do NAFTA, deve-se mencionar, aqui, a redução nos embarques para o México, que

vinham crescendo nos últimos anos. Em 2002, o aumento nas vendas de calçados e de fumo para os mexicanos foi insuficiente para compensar a queda vertiginosa nas exportações de motores diesel e, em menor escala, de carrocerias. Mesmo assim, no entanto, graças a um pequeno saldo com o Canadá e o já referido crescimento nas vendas para os Estados Unidos, o Rio Grande do Sul apresentou um desempenho positivo nas exportações com o NAFTA. Foram US\$ 1,75 bilhão de janeiro a outubro de 2002 contra US\$ 1,61 no mesmo período do ano anterior. É provável que a desvalorização do real ao longo de 2002 tenha influenciado nesse desempenho.

No comércio com a ALADI — excluindo-se o Mercosul e o México, o que significa o comércio com o Chile e os países da Comunidade Andina —, ocorreu um leve crescimento nas exportações. Dada a redução na atividade econômica na maioria desses países em 2002, o resultado deve ser considerado satisfatório. Cabe ressaltar ainda que, para esses mercados, o Rio Grande do Sul exporta produtos com maior valor agregado, como carrocerias, ônibus, tratores, máquinas agrícolas, calçados, artefatos de cutelaria, produtos petroquímicos e móveis.

Em relação à Europa Oriental, observou-se um aumento de US\$ 75 milhões nas exportações, merecendo registro o incremento das vendas para a Rússia, de longe o maior importador de produtos gaúchos na região. Só para esse país, onde o Estado colocou principalmente carne de aves, de suínos e fumo, foram US\$ 65 milhões a mais, passando as vendas externas de US\$ 76 milhões para US\$ 141 milhões entre os dois períodos considerados.

Já para o Oriente Médio, os embarques aumentaram US\$ 74 milhões. Nessa região, mais uma vez, destacaram-se as compras do Irã — óleo e grãos de soja — e da Arábia Saudita — óleo de soja, carne de aves e carrocerias.

O comércio exterior com a Ásia (exclusive Oriente Médio) também cresceu. Melhor dizendo, as exportações para aquele continente evoluíram de US\$ 898 milhões entre janeiro e outubro de 2001 para US\$ 939 milhões no mesmo período de 2002. Aí se encontra o atual segundo maior importador de produtos gaúchos, a China, que, além do potencial econômico que possui, há mais de uma década vem crescendo a taxas superiores à média mundial e em 2002 ingressou na OMC. É, atualmente, o mercado mais promissor do mundo, sendo, por isso mesmo, um dos mais disputados. Pois o Rio Grande do Sul apresentou aí uma boa performance exportadora, superando um pouco o patamar elevado alcançado nos últimos anos. Nos 10 primeiros meses de 2002, o Estado embarcou para a China produtos que somaram US\$ 390 milhões, valor este superior em US\$ 28 milhões ao obtido em igual período do ano anterior. Todavia deve-se ressaltar que, desse total, quase 80% advém das exportações de grãos (62%) e óleo de soja (16%). Essa pouca diversificação na pauta exportadora, além de problemática por si própria, foi agravada em 2002 diante da

possibilidade de aquele país asiático interromper as importações de grãos de soja oriundos do Brasil, como já explicado na seção sobre o complexo soja. Quanto à outra grande economia asiática, a do Japão, apesar de permanecer estagnada, aumentou suas aquisições do Rio Grande do Sul em 2002. Foram US\$ 143 milhões — US\$ 14 milhões a mais que no mesmo período do ano anterior — gastos em compras, principalmente, de fumo, madeira e carne de aves.

Por fim, duas observações sobre as vendas para a África: nesse continente, a África do Sul absorve quase a metade das exportações gaúchas, e, em 2002, o crescimento de aproximadamente US\$ 30 milhões nas vendas se deveu ao aumento das exportações, para aquele país, de ônibus, fumo e carrocerias.

### 3 - Principais importações e suas origens

A redução de 19% das importações do Rio Grande do Sul nos 10 primeiros meses de 2002 frente a igual período do ano anterior acompanha o decréscimo verificado no total do País, conforme já referido no início deste texto, sendo fruto da relativa estagnação da economia brasileira e do processo de substituição de importações decorrente da desvalorização cambial.

Como soe acontecer, predominaram as compras de **combustíveis minerais, óleos minerais, etc., ceras minerais** — Capítulo 27 da NCM —, com cerca de 30% do total. Entretanto, comparativamente ao mesmo período de 2001, as importações desse capítulo em 2002 apresentaram um queda de 22% — de US\$ 1 bilhão para US\$ 824 milhões (Tabela 5). Das principais mercadorias que compõem o capítulo, destacam-se as aquisições de óleos brutos de petróleo — que se mantiveram estáveis em torno de US\$ 630 milhões —, de naftas para petroquímica — que caíram de US\$ 205 milhões para US\$ 107 milhões — e de gás natural — que passaram de US\$ 35 milhões para US\$ 33 milhões (Tabela 6). Deve-se ressaltar que as importações de gás natural estão subestimadas, em ambos os períodos, porque foram contabilizadas apenas as importações da Argentina, que abastece uma termoeletrônica na cidade de Uruguaiana. Várias empresas da região de Porto Alegre e de Caxias do Sul recebem esse produto através do gasoduto Brasil-Bolívia, que abastece o Centro-Sul do País. Todavia, nas estatísticas oficiais, essa importação é contabilizada como sendo do Mato Grosso do Sul, uma vez que entra no Brasil pela cidade de Corumbá.<sup>14</sup> Por outro lado, as compras de óleo foram realizadas, principalmen-

<sup>14</sup> Entre janeiro e outubro de 2002, por exemplo, conforme as estatísticas da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, enquanto as importações de gás natural de São Paulo, o maior consumidor nacional, somaram US\$ 33 milhões, as do Mato Grosso do Sul atingiram US\$ 205 milhões. Ver <http://aliceweb.mdic.gov.br>

te, na Nigéria, na Argélia, na Argentina e em Gana, enquanto as de naftas para petroquímica foram feitas na Argentina.

As aquisições do Capítulo 84, **reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes**, somaram US\$ 454 milhões, valor este cerca de 2% menor que o do mesmo período do ano anterior. A esse capítulo pertence uma quantidade muito grande de produtos de médio e alto valor agregado. Talvez por não existirem produtos substitutos no mercado interno é que, apesar da desvalorização cambial, a redução nas compras externas foi pequena quando comparada às médias gaúcha e nacional. Dado o elevado grau de elaboração desses produtos, é obvio que eles vieram quase exclusivamente de países desenvolvidos, como Estados Unidos, Alemanha e Itália.

Em relação a alguns dos outros capítulos, cabem rápidas observações. Apesar do baixo crescimento da economia nacional e da alta dos preços dos produtos importados, a intensificação nas compras externas de **adubos e fertilizantes** pode ser creditada à maior capitalização do agricultor em decorrência dos bons resultados da safra de 2001. A maior quantidade dessas mercadorias foi adquirida na Rússia, nos Estados Unidos e no Marrocos. Já a queda nas aquisições de **veículos automóveis, tratores, etc., suas partes e acessórios** decorreu, além do baixo nível da atividade econômica e da desvalorização da moeda nacional, do acordo automotivo do Mercosul. Este previa uma determinada relação de troca de veículos entre os dois países. Como a Argentina diminuiu muito suas compras do Brasil, este também teve de reduzir suas aquisições de automóveis do país vizinho, embora não na mesma proporção.

Quanto ao capítulo 85, **máquinas, aparelhos e materiais elétricos, suas partes, etc.** há uma explicação adicional para o decréscimo das importações. A diminuição de US\$ 271 milhões para US\$ 95 milhões, ou seja, redução de 65% entre os 10 primeiros meses de 2001 e idêntico período de 2002, aconteceu também porque, neste último ano, não se repetiram, na mesma quantidade, as excepcionais compras de 2001 de equipamentos para a produção e distribuição de energia e para o setor de telecomunicações.<sup>15</sup> Talvez por isso, a redução no total das importações gaúchas (-19%) tenha sido maior do que aquela verificada nas compras externas do Brasil (-17%).

Também caíram as aquisições de **cereais**, só que em 23% — de US\$ 127 milhões para US\$ 98 milhões. O Brasil e o Rio Grande do Sul são tradicionais importadores de trigo, sendo que o País, usualmente, adquire no Exterior entre 60% e 80% do consumo doméstico, dependendo do resultado da safra nacional. Em 2002 — janeiro a outubro —, o Estado importou menos que no mesmo

---

<sup>15</sup> Sobre a situação em 2001, ver Garcia (2002, p. 114).

período do ano anterior. Foram US\$ 51 milhões contra US\$ 62 milhões, uma redução de 19%. Para o Rio Grande do Sul, a fonte supridora manteve-se a mesma — a Argentina —, ao passo que o Brasil como um todo também apresentou aquisições, pequenas, diga-se de passagem, em outros mercados, como o dos Estados Unidos, o do Canadá e os de países do Leste Europeu.<sup>16</sup>

Ainda em relação a cereais, cabe registrar, também, a queda nas importações de arroz. Considerando-se a soma de todos os tipos de arroz, tem-se, para os 10 primeiros meses de 2002, um total de US\$ 42 milhões, enquanto, no mesmo período do ano anterior, as aquisições desse produto no “mercado externo” somaram US\$ 51 milhões.<sup>17</sup> O termo mercado externo está entre aspas porque, na verdade, essa importação provém de produtores uruguaios e argentinos e também de brasileiros já residentes, localizados, via de regra, em áreas próximas à fronteira e que produzem quase exclusivamente para o imenso mercado brasileiro. Muitas vezes — e não por coincidência nos momentos que a oferta excede a demanda —, essa situação é motivo de disputa entre os produtores nacionais e seus vizinhos. A novidade em 2002 foi a união desses produtores do Mercosul frente à possibilidade, devido à alta dos preços no mercado interno, de o Brasil realizar compras desse produto nos Estados Unidos (Produtores...; Melo, 2002).

## 4 - Considerações finais

A apreensão dos exportadores gaúchos no início de 2002 era plenamente justificada, uma vez que os EUA, principal parceiro comercial do Estado, ainda se recuperava dos acontecimentos de 11 de setembro, e a Argentina, segunda maior importadora de produtos gaúchos, vivia uma crise econômica sem precedentes em sua história recente. Diante dessa expectativa inicial, até que o ano não foi ruim: nos 10 primeiros meses de 2002, o Rio Grande do Sul exportou apenas 2% menos do que havia exportado em igual período do ano anterior. Considerando-se, ainda, a frustração da safra de soja em solo sul-rio-grandense,

<sup>16</sup> Comumente, a quase-totalidade da importação brasileira de trigo provém da Argentina, em função das vantagens comparativas advindas do Mercosul. Em 2002, no entanto, problemas na comercialização com o país vizinho — aumento de preço — levaram os moinhos nacionais a negociarem uma quantidade um pouco maior com outras fontes supridoras. Para 2003, inclusive, o Brasil assinou acordos com a Rússia e a Ucrânia para comprar um volume maior de trigo. Em contrapartida, esses países do Leste Europeu deverão adquirir carne bovina (Rússia) e açúcar (Ucrânia) do Brasil (Moinhos..., 2002).

<sup>17</sup> Observe-se que os dados se referem a todos os tipos de arroz. Na Tabela 6, consta apenas o “cargos” ou castanho, descascado, não parboilizado. Para ter os dados completos, acesse <http://alice.mdic.gov.br>



a confirmação da queda brutal na atividade econômica no vizinho do Prata e o baixo crescimento da renda mundial, pode-se creditar ao Estado um bom desempenho nas suas vendas externas. De uma maneira geral, isso foi possível porque o também baixo nível da atividade econômica no Brasil e a desvalorização do real viabilizaram, por um lado, a disponibilidade de maior oferta de produtos para a exportação e, por outro, o crescimento da competitividade externa. Assim é que as perdas decorrentes das exportações para o Mercosul — da ordem de US\$ 406 milhões — e para a União Européia — em torno de US\$ 112 milhões — foram quase totalmente compensadas com o crescimento dos embarques para outras regiões. Na verdade, de cada cinco dólares “perdidos” no Mercosul e na União Européia, quatro foram “recuperados” em outras partes do mundo, como Estados Unidos, Europa Oriental e Ásia.

O exemplo mais claro disso verificou-se nas mercadorias vendidas para a Argentina, como calçados, produtos petroquímicos, móveis, carne de suínos e tratores, que sofreram expressivas baixas naquele mercado. À exceção de produtos petroquímicos, cujo crescimento nos embarques para a Espanha, a China e a África do Sul pouco compensou as perdas no mercado platino, os demais produtos tiveram performances mais que razoáveis em outros mercados, compensando, em boa medida, quando não superando, as perdas na Argentina. Assim, cresceram as vendas de calçados para o México, de carne de suínos para a Rússia, de tratores para a Venezuela e de móveis para os Estados Unidos.

Por outro lado, em relação ao complexo soja — a principal causa do decréscimo nas vendas para a União Européia —, não ocorreu falta de mercado, mas de produto, em função da baixa colheita verificada em 2002. Todavia, nesse caso, cabe salientar o crescimento nos embarques de óleo de soja, graças, principalmente, à volta da China como compradora do produto. Aqui deve-se mencionar a necessidade imediata de o Brasil criar mecanismos oficiais de classificação de sua soja, sob pena de inviabilizar as vendas para a China e para outros mercados ainda em 2003.

Quanto aos outros produtos agroindustriais, registre-se o ótimo desempenho das exportações de fumo e de carne de aves, que cresceram em 2002 mesmo frente a um período básico, o de 2001, onde já haviam evoluído bastante. Das demais mercadorias com importância na pauta exportadora gaúcha, merece destaque o crescimento vertiginoso nas vendas de motores diesel para os Estados Unidos e também o excelente desempenho das exportações de carrocerias para o México e a Arábia Saudita e de ônibus para a África do Sul e a República Dominicana.

Pelo lado das aquisições gaúchas no Exterior, não ocorreram novidades. No que foi possível, continuou-se o processo de substituição de importações, devido ao alto custo em reais dos produtos estrangeiros. Também a relativa

estagnação da economia nacional freou a demanda interna. Assim, verificou-se o que já era esperado, queda de 19% das compras gaúchas no Exterior. Dentre os produtos importados, as aquisições de petróleo e derivados continuaram sendo, disparado, as mais expressivas da pauta importadora. Aqui cabe registrar, além da não-inclusão nas estatísticas das aquisições de gás natural da Bolívia, a significativa redução nas compras de naftas para petroquímica, em função do custo desse produto e da retração do segmento produtivo que o utiliza como matéria-prima. Por outro lado, tudo indica que o aumento, embora pequeno, nas importações de adubos e fertilizantes seja decorrente da capitalização do agricultor gaúcho, fruto da boa safra do ano anterior. Já o decréscimo nas compras externas de cereais — arroz e trigo — está associado à redução do hiato entre produção e consumo internos.

Tabela 1

Resultados da balança comercial do Rio Grande do Sul — jan.-out./01 e jan.-out./02

DISCRIMINAÇÃO	VALOR (US\$ 1 000 FOB)		Δ%
	2001	2002	
Exportação .....	5 491 646	5 394 026	-1,78
Importação .....	3 445 610	2 795 882	-18,86
Saldo .....	2 046 036	2 598 144	26,98

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex/DTIC/Sistema Alice.

Tabela 2

Valor e participação, por capítulos da Nomenclatura Comum do Mercosul, das exportações do Rio Grande do Sul — jan.-out./01 e jan.-out./02

CAPÍTULOS	VALOR			PARTICIPAÇÃO %	
	2001 (US\$ 1 000 FOB)	2002 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	2001	2002
64 - Calçados, polainas e artefatos semelhantes e suas partes .....	1 157 338	1 019 048	-11,95	21,07	18,89
24 - Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados .....	758 797	775 079	2,15	13,82	14,37
02 - Carnes e miudezas, comestíveis ...	358 028	379 366	5,96	6,52	7,03
84 - Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos .....	322 187	360 308	11,83	5,87	6,68
12 - Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes, etc. ....	486 351	349 976	-28,04	8,86	6,49
87 - Veículos automóveis, tratores, etc., suas partes/acessórios .....	249 021	305 324	22,61	4,53	5,66
23 - Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares, etc. ....	269 030	298 363	10,90	4,90	5,53
41 - Peles, exceto a peleteria (peles com pêlo), e couros .....	249 069	254 615	2,23	4,54	4,72
15 - Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc. ....	114 446	180 787	57,97	2,08	3,35
39 - Plásticos e suas obras .....	217 710	174 808	-19,71	3,96	3,24
94 - Móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões, etc. ....	127 232	121 142	-4,79	2,32	2,25
29 - Produtos químicos orgânicos .....	98 994	103 212	4,26	1,80	1,91
40 - Borracha e suas obras .....	85 627	95 129	11,10	1,56	1,76
44 - Madeira, carvão vegetal e obras de madeira .....	70 150	93 655	33,51	1,28	1,74
85 - Máquinas, aparelhos e material elétricos, suas partes, etc. ....	61 627	73 175	18,74	1,12	1,36
47 - Pastas de madeira ou matérias fibrosas celulósicas, etc. ....	65 432	66 713	1,96	1,19	1,24
99 - Transações especiais .....	50 099	65 944	31,63	0,91	1,22
82 - Ferramentas, artefatos de cutelaria, etc. de metais comuns .....	68 456	58 435	-14,64	1,25	1,08
38 - Produtos diversos das indústrias químicas .....	44 135	45 481	3,05	0,80	0,84
42 - Obras de couro, artigos de correeiro ou de seleiro, etc. ....	33 338	45 299	35,88	0,61	0,84
16 - Preparações de carne, de peixes ou de crustáceos, etc. ....	44 498	45 176	1,53	0,81	0,84
93 - Armas e munições, suas partes e acessórios .....	27 710	44 132	59,26	0,50	0,82
<b>Subtotal</b> .....	<b>4 959 274</b>	<b>4 955 167</b>	<b>-0,08</b>	<b>90,31</b>	<b>91,86</b>
Outros .....	532 372	438 859	-17,57	9,69	8,14
<b>TOTAL</b> .....	<b>5 491 646</b>	<b>5 394 026</b>	<b>-1,78</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex/DTIC/Sistema Alice.

Tabela 3

Exportações, por mercadorias, do Rio Grande do Sul — jan.-out./01 e jan.-out./02

CAPÍTULOS DA NCM	MERCADORIAS	VALOR			PARTICIPAÇÃO %	
		2001 (US\$ 1 000 FOB)	2002 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	2001	2002
64	Outros calçados de couro natural .....	743 288	673 937	-9,33	13,53	12,49
24	Fumo não manufaturado total ou parcial e destalado em folhas secas, etc., tipo virginia .....	570 443	580 854	1,82	10,39	10,77
12	Outros grãos de soja, mesmo triturados .....	483 411	347 230	-28,17	8,80	6,44
23	Bagaços e outros resíduos sólidos, da extração do óleo de soja .....	260 789	288 072	10,46	4,75	5,34
64	Outros calçados de couro natural, cobrindo o tornozelo .....	233 763	194 727	-16,70	4,26	3,61
15	Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado .....	111 393	176 449	58,40	2,03	3,27
02	Pedaços e miudezas, comestíveis de galos/galinhas, congelados .....	148 607	161 547	8,71	2,71	2,99
84	Outros motores diesel/semidiesel, para veículos do Capítulo 87 .....	72 563	138 692	91,13	1,32	2,57
02	Carnes de galos/galinhas, não cortadas em pedaços, congelados .....	122 342	122 134	-0,17	2,23	2,26
24	Fumo não manufaturado total ou parcial destalado em folhas secas, tipo <i>burley</i> .....	111 195	121 467	9,24	2,02	2,25
87	Carroçarias para veículos automóveis; transportam igual ou superior a 10 pessoas ou para carga .....	75 221	96 253	27,96	1,37	1,78
87	Outros tratores .....	54 302	79 106	45,68	0,99	1,47
39	Outros polietilenos sem carga, dimensão superior ou igual a 0,4, em formas primárias .....	100 640	73 519	-26,95	1,83	1,36

(continua)

Tabela 3

Exportações, por mercadorias, do Rio Grande do Sul — jan.-out./01 e jan.-out./02

CAPÍTULOS DA NCM	MERCADORIAS	VALOR			PARTICIPAÇÃO %	
		2001 (US\$ 1 000 FOB)	2002 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	2001	2002
99	Consumo de bordo - combustíveis e lubrificantes para embarcações .....	46 987	64 143	36,51	0,86	1,19
47	Pasta química de madeira de não coníferas a soda ou a sulfato, semibranqueada .....	60 141	63 422	5,46	1,10	1,18
02	Outras carnes de suíno, congeladas .....	49 794	50 684	1,79	0,91	0,94
87	Outras partes e acessórios para tratores e veículos automóveis .....	49 299	47 504	-3,64	0,90	0,88
41	Outros couros/peles bovinos, secos, plena flor	0	44 920	-	0,00	0,83
39	Polietileno sem carga, densidade inferior a 0,94, em forma primária	46 587	41 773	-10,33	0,85	0,77
42	Outras obras de couro natural ou reconstituído	31 268	41 101	31,45	0,57	0,76
94	Móveis de madeira para quartos de dormir .....	41 472	40 442	-2,48	0,76	0,75
64	Outros calçados de borracha ou plástico .....	67 733	40 253	-40,57	1,23	0,75
94	Outros móveis de madeira .....	36 169	38 660	6,89	0,66	0,72
87	Veículos automóveis para transporte superior ou igual a 10 pessoas, com motor diesel .....	29 004	36 979	27,50	0,53	0,69
41	Outros couros/peles, inteiros, de bovinos, preparados, etc. ....	0	35 333	-	0,00	0,66
41	Outros couros bovinos, dividido umidade plena flor .....	0	35 268	-	0,00	0,65
29	Benzeno .....	30 045	34 975	16,41	0,55	0,65

(continua)

Tabela 3

Exportações, por mercadorias, do Rio Grande do Sul — jan.-out./01 e jan.-out./02

CAPÍTULOS DA NCM	MERCADORIAS	VALOR			PARTICIPAÇÃO %	
		2001 (US\$ 1 000 FOB)	2002 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	2001	2002
44	Madeira de não coníferas, em estilhas ou em partículas .....	26 297	34 859	32,56	0,48	0,65
44	Madeira de coníferas, serrada/cortada em folhas, etc., espessura superior a 6mm .....	28 098	33 373	18,77	0,51	0,62
24	Desperdícios de fumo .....	33 051	32 954	-0,30	0,60	0,61
84	Outras máquinas e aparelhos para colheita .....	22 000	32 821	49,19	0,40	0,61
93	Outras espingardas/carabinas para caça ou tiro-ao-alvo .....	20 087	32 499	61,79	0,37	0,60
41	Outros couros/peles bovinos, preparados .....	0	32 176	-	0,00	0,60
29	Éter metil-ter-butílico (mtbe) .....	29 726	28 056	-5,62	0,54	0,52
64	Outros calçados de couro natural e sola exterior de couro .....	29 685	27 804	-6,34	0,54	0,52
40	Pneus novos para motocicletas .....	25 923	26 442	2,00	0,47	0,49
68	Outras guarnições não montadas para freios, de amianto, etc .....	21 705	25 814	18,93	0,40	0,48
39	Polietileno linear, densidade inferior a 0,94, em forma primária .....	25 300	25 103	-0,78	0,46	0,47
41	Couro/pele bovina, preparado após curtimento plena flor, com acabamento .....	121 504	24 921	-79,49	2,21	0,46
40	Borracha de etileno-propileno-dieno não conjugado em chapas .....	15 643	24 200	54,70	0,28	0,45
35	Proteínas de soja em pó, teor proteína em base seca superior ou igual a 90% .....	24 193	22 656	-6,35	0,44	0,42

(continua)

Tabela 3

Exportações, por mercadorias, do Rio Grande do Sul — jan.-out./01 e jan.-out./02

CAPÍTULOS DA NCM	MERCADORIAS	VALOR			PARTICIPAÇÃO %	
		2001 (US\$ 1 000 FOB)	2002 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	2001	2002
16	Preparações alimentícias e conservas de bovinos .....	20 412	22 317	9,33	0,37	0,41
85	Condensador fixo eletrolítico, de alumínio .....	10 307	21 643	109,99	0,19	0,40
40	Borracha de estireno-butadieno em outras formas primárias .....	16 181	21 157	30,75	0,29	0,39
64	Outros calçados de borracha ou plástico, cobrindo tornozelo .....	12 692	16 938	33,45	0,23	0,31
32	Extrato tanante de mimosa .....	16 491	16 756	1,61	0,30	0,31
24	Fumo não manufacturado não destalado em folhas secas, etc., tipo virginia .....	20 067	16 606	-17,24	0,37	0,31
38	Outros inseticidas apresentados de outro modo .....	8 679	16 458	89,63	0,16	0,31
64	Outros calçados de matéria têxtil, sola de borracha ou plástico .....	25 005	16 402	-34,41	0,46	0,30
85	Outros condensadores fixos com dielétrico, papel ou plástico .....	14 617	16 356	11,90	0,27	0,30
	<b>Subtotal</b> .....	4 144 122	4 237 753	2,26	75,46	78,56
	Outros .....	1 347 524	1 156 273	-14,19	24,54	21,44
	<b>TOTAL</b> .....	5 491 646	5 394 026	-1,78	100,00	100,00

FONTE: MDIC/Secex/DTIC/Sistema Alice.

Tabela 4

Valor e participação, por blocos econômicos, das exportações  
do Rio Grande do Sul – jan.-out./01 e jan.-out./02

PAÍSES	VALOR			PARTICIPAÇÃO %	
	2001 (US\$ 1 000 FOB)	2002 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	2001	2002
<b>NAFTA</b> .....	1 613 798	1 746 210	8,21	29,39	32,37
Estados Unidos .....	1 361 425	1 551 192	13,94	24,79	28,76
México .....	195 027	123 030	-36,92	3,55	2,28
Canadá .....	40 035	53 009	32,41	0,73	0,98
Porto Rico .....	17 311	18 979	9,63	0,32	0,35
<b>ALADI (exclui o México)</b>	1 051 696	666 956	-36,58	19,15	12,36
Mercosul .....	726 326	320 010	-55,94	13,23	5,93
Argentina .....	502 622	159 404	-68,29	9,15	2,96
Paraguai .....	94 418	81 702	-13,47	1,72	1,51
Uruguai .....	129 286	78 904	-38,97	2,35	1,46
<b>Demais Países da ALADI (exclui o México)</b> .....	325 370	346 946	6,63	5,92	6,43
Chile .....	119 986	128 462	7,06	2,18	2,38
Venezuela .....	67 847	69 490	2,42	1,24	1,29
Colômbia .....	48 936	46 236	-5,52	0,89	0,86
Bolívia .....	38 684	37 561	-2,90	0,70	0,70
Equador .....	21 005	29 288	39,43	0,38	0,54
Peru .....	17 417	24 252	39,24	0,32	0,45
Cuba .....	11 495	11 657	1,40	0,21	0,22
<b>União Européia</b> .....	1 164 966	1 052 810	-9,63	21,21	19,52
Reino Unido .....	185 717	190 226	2,43	3,38	3,53
Alemanha .....	188 468	185 953	-1,33	3,43	3,45
Itália .....	173 105	161 351	-6,79	3,15	2,99
Espanha .....	180 211	139 415	-22,64	3,28	2,58
Países Baixos (Holanda)	176 511	133 253	-24,51	3,21	2,47
Bélgica .....	101 018	93 270	-7,67	1,84	1,73
Outros da União Européia	159 936	149 343	-6,62	2,91	2,77
<b>Ásia (exclui o Oriente Médio)</b> .....	897 928	939 389	4,62	16,35	17,42

(continua)



Tabela 4

Valor e participação, por blocos econômicos, das exportações  
do Rio Grande do Sul – jan.-out./01 e jan.-out./02

PAÍSES	VALOR			PARTICIPAÇÃO %	
	2001 (US\$ 1 000 FOB)	2002 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	2001	2002
China .....	362 128	389 952	7,68	6,59	7,23
Japão .....	128 823	143 235	11,19	2,35	2,66
Hong Kong .....	91 922	86 554	-5,84	1,67	1,60
Tailândia .....	46 881	62 513	33,34	0,85	1,16
Indonésia .....	24 186	44 370	83,45	0,44	0,82
Coréia do Sul .....	68 778	43 290	-37,06	1,25	0,80
Outros países da Ásia .....	175 210	169 475	-3,27	3,19	3,14
<b>Oriente Médio</b> .....	213 553	287 435	34,60	3,89	5,33
Irã .....	85 771	106 487	24,15	1,56	1,97
Arábia Saudita .....	58 352	98 531	68,86	1,06	1,83
Outros países do Oriente Médio .....	69 430	82 418	18,71	1,26	1,53
<b>África</b> .....	145 159	173 374	19,44	2,64	3,21
<b>Europa Oriental</b> .....	163 676	239 118	46,09	2,98	4,43
Rússia .....	75 853	140 980	85,86	1,38	2,61
Outros países da Europa Oriental .....	87 823	98 138	11,75	1,60	1,82
<b>Oceania</b> .....	27 691	40 148	44,98	0,50	0,74
<b>Outros (inclui provisão de navios e aeronaves)</b> .....	213 179	248 587	16,61	3,88	4,61
<b>TOTAL</b> .....	5 491 646	5 394 026	-1,78	100,00	100,00

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex/DTIC/Sistema Alice.

Tabela 5

Valor e participação, por capítulos da Nomenclatura Comum do Mercosul,  
das importações do Rio Grande do Sul — jan.-out./01 e jan.-out./02

CAPÍTULOS	VALOR			PARTICIPAÇÃO %	
	2001 (US\$ 1 000 FOB)	2002 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	2001	2002
27 - Combustíveis minerais, óleos minerais, etc., ceras minerais ....	1 055 253	823 222	-21,99	30,63	29,44
84 - Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos .....	463 284	454 017	-2,00	13,45	16,24
31 - Adubos ou fertilizantes .....	216 018	226 283	4,75	6,27	8,09
29 - Produtos químicos orgânicos ....	197 826	167 867	-15,14	5,74	6,00
39 - Plásticos e suas obras .....	108 850	109 054	0,19	3,16	3,90
87 - Veículos automóveis, tratores, etc., suas partes e acessórios ...	163 522	100 611	-38,47	4,75	3,60
10 - Cereais .....	126 880	97 732	-22,97	3,68	3,50
85 - Máquinas, aparelhos e material elétricos, suas partes, etc. ....	270 967	95 014	-64,94	7,86	3,40
41 - Peles, exceto a peleteria (peles com pêlo), e couros .....	140 730	93 081	-33,86	4,08	3,33
40 - Borracha e suas obras .....	80 529	73 107	-9,22	2,34	2,61
90 - Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia, etc. ....	51 934	56 915	9,59	1,51	2,04
28 - Produtos químicos inorgânicos, etc. ....	40 696	42 659	4,82	1,18	1,53
48 - Papel e cartão, obras de pasta de celulose, de papel, etc. ....	32 835	33 344	1,55	0,95	1,19
38 - Produtos diversos das indústrias químicas .....	37 547	28 539	-23,99	1,09	1,02
72 - Ferro fundido, ferro e aço .....	32 493	27 836	-14,33	0,94	1,00
73 - Obras de ferro fundido, ferro ou aço .....	31 659	26 399	-16,62	0,92	0,94
32 - Extratos tanantes e tintoriais, taninos e derivados, etc. ....	24 284	20 882	-14,01	0,70	0,75
76 - Alumínio e suas obras .....	16 181	18 166	12,27	0,47	0,65
04 - Leite e laticínios, ovos de aves, mel natural, etc. ....	11 989	18 107	51,03	0,35	0,65
24 - Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados .....	16 059	16 430	2,31	0,47	0,59
22 - Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres .....	16 852	15 113	-10,32	0,49	0,54
25 - Sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento .....	15 782	14 239	-9,78	0,46	0,51
<b>Subtotal</b> .....	<b>3 152 171</b>	<b>2 558 615</b>	<b>-18,83</b>	<b>91,48</b>	<b>91,51</b>
Outros .....	293 439	237 267	-19,14	8,52	8,49
<b>TOTAL</b> .....	<b>3 445 610</b>	<b>2 795 882</b>	<b>-18,86</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex/DTIC/Sistema Alice.

Tabela 6

Importações, por mercadorias, do Rio Grande do Sul — jan.-out./01 e jan.-out./02

CAPÍTULOS DA NCM	MERCADORIAS	VALOR			PARTICIPAÇÃO %	
		2001 (US\$ 1 000 FOB)	2002 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	2001	2002
27	Óleos brutos de petróleo .....	634 240	625 200	-1,43	18,41	22,36
27	Naftas para petroquímica .....	204 850	106 593	-47,97	5,95	3,81
31	Outros cloretos de pó-tássio .....	74 237	71 601	-3,55	2,15	2,56
31	Diidrogeno-ortofosfato de amônio, inclui mistura hidrogeno etc. ....	46 830	50 717	8,30	1,36	1,81
10	Trigo (exceto trigo duro ou para semeadura), e trigo com centeio .....	62 312	50 623	-18,76	1,81	1,81
87	Outras partes e acessórios para tratores e veículos automóveis .....	28 162	34 429	22,25	0,82	1,23
27	Gás natural no estado gasoso .....	35 329	33 420	-5,40	1,03	1,20
31	Uréia com teor de nitrogênio superior a 45% em peso .....	28 142	30 534	8,50	0,82	1,09
84	Outros motores diesel/semidiesel, para veículos do Capítulo 87 ....	26 169	26 362	0,74	0,76	0,94
41	Outros couros e peles bovinos, secos, plena flor .....	0	25 620	-	0,00	0,92
84	Injetores para motores diesel ou semidiesel ....	11 914	20 908	75,49	0,35	0,75
40	Pneus novos para automóveis de passageiros .....	22 976	20 677	-10,01	0,67	0,74
27	Butanos liquefeitos .....	14 972	18 828	25,76	0,43	0,67
10	Arroz ("carga" ou castanho), descascado, não parboilizado .....	23 969	18 004	-24,89	0,70	0,64
29	Outros compostos heterocíclicos com 1 ciclo pirazol, não condensado .....	14 685	17 186	17,03	0,43	0,61

(continua)

Tabela 6

Importações, por mercadorias, do Rio Grande do Sul — jan.-out./01 e jan.-out./02

CAPÍTULOS DA NCM	MERCADORIAS	VALOR			PARTICIPAÇÃO %	
		2001 (US\$ 1 000 FOB)	2002 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	2001	2002
31	Superfosfato, teor de pentóxido de fósforo (P2O5) > 45% .....	11 374	16 995	49,43	0,33	0,61
84	Outras máquinas e aparelhos mecânicos com função própria .....	15 759	16 974	7,72	0,46	0,61
29	Outros compostos heterocíclicos contendo um ciclo imidazol .....	0	16 285	-	0,00	0,58
39	Garrações, garrafas, frascos, artigos semelhantes de plásticos .....	21 346	15 344	-28,12	0,62	0,55
87	Automóveis com motor à explosão, cilindrada inferior ou igual a 1 000cm3 .....	19 647	14 969	-23,81	0,57	0,54
29	Ácido 2-hidroxi-4-(metiltio) butanóico e seu sal cálcico .....	10 373	14 488	39,66	0,30	0,52
84	Partes de outras turbinas a gás .....	10 251	14 238	38,90	0,30	0,51
28	Outros ácidos fosfóricos .....	11 437	14 186	24,04	0,33	0,51
31	Hidrogeno-ortofosfato de diamônio, teor arsênio superior ou igual a 6mg/kg .....	13 998	13 882	-0,83	0,41	0,50
27	Propano em bruto liquefeito .....	14 004	13 815	-1,35	0,41	0,49
29	Endossulfan .....	11 224	13 791	22,87	0,33	0,49
85	Outros microprocessadores .....	0	13 584	-	0,00	0,49
10	Arroz ( <i>paddy</i> ) com casca, não parboilizado (não estufado) .....	12 858	13 543	5,32	0,37	0,48
84	Outros motocompressores herméticos para equipamento frigoríficos .....	15 151	13 392	-11,61	0,44	0,48

(continua)

Tabela 6

Importações, por mercadorias, do Rio Grande do Sul — jan.-out./01 e jan.-out./02

CAPÍTULOS DA NCM	MERCADORIAS	VALOR			PARTICIPAÇÃO %	
		2001 (US\$ 1 000 FOB)	2002 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	2001	2002
84	Partes de outras máquinas e aparelhos para colheita, debulha, etc. ....	7 564	12 660	67,37	0,22	0,45
27	Outras naftas .....	0	12 398	-	0,00	0,44
87	Outras caixas de marchas para tratores ou <i>dumpers</i> .....	14 228	11 959	-15,95	0,41	0,43
76	Folhas ou tiras de alumínio, sem suporte, gravados e inferior ou igual a 110 microns .....	7 736	11 608	50,05	0,22	0,42
40	Outras borrachas misturadas, não vulcanizadas em formas primárias .....	14 907	11 074	-25,71	0,43	0,40
41	Couros/peles, bovinos, preparados divididos com a flor .....	0	10 632	-	0,00	0,38
31	Outros nitratos de sódio potássico .....	14 961	10 509	-29,76	0,43	0,38
84	Unidades de discos magnéticos, para discos rígidos .....	10 197	10 383	1,82	0,30	0,37
04	Leite integral, em pó, matéria gorda superior a 1,5%, concentrado não adoçado .....	1 500	10 209	580,67	0,04	0,37
31	Nitrato de sódio potássico, teor de n inferior ou igual a 15% e k2O inferior ou igual a 15%	0	9 954	-	0,00	0,36
41	Couros inteiros bovinos, não dividido, <i>wet blue</i> , inferior ou igual a 2,6m2	0	9 639	-	0,00	0,34
49	Outros livros, brochuras e impressos semelhantes .....	7 948	9 633	21,19	0,23	0,34
25	Fosfatos de cálcio, naturais, não moidos .....	9 905	9 414	-4,95	0,29	0,34

(continua)

Tabela 6

Importações, por mercadorias, do Rio Grande do Sul — jan.-out./01 e jan.-out./02

CAPÍTULOS DA NCM	MERCADORIAS	VALOR			PARTICIPAÇÃO %	
		2001 (US\$ 1 000 FOB)	2002 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	2001	2002
10	Arroz semibranqueado, etc., não parboilizado, polido, brunido .....	13 419	9 380	-30,10	0,39	0,34
24	Fumo não manufaturado total/parcialmente des- talado folhas secas, etc. virginia .....	8 573	8 693	1,40	0,25	0,31
07	Outras cebolas frescas ou refrigeradas .....	12 260	8 643	-29,50	0,36	0,31
84	Válvulas rotativas, de caixas de direção hi- dráulica .....	7 846	7 952	1,35	0,23	0,28
48	Papel jornal, em rolos/ /folhas de papel inferior ou igual a 57g/m2, fibra proc. mec. superior ou igual a 65% .....	9 973	7 785	-21,94	0,29	0,28
47	Pasta química de ma- deira de conífera, à soda/sulfato semibran- queada .....	8 162	7 781	-4,67	0,24	0,28
84	Outros motores diesel/ /semidiesel .....	2 741	7 411	170,41	0,08	0,27
27	Gás liquefeito de petró- leo (glp) .....	8 856	7 224	-18,42	0,26	0,26
	<b>Subtotal</b> .....	1 556 987	1 561 130	0,27	45,19	55,84
	Outros .....	1 888 623	1 234 752	-34,62	54,81	44,16
	<b>TOTAL</b> .....	3 445 610	2 795 882	-18,86	100,00	100,00

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex/DTIC/Sistema Alice.

Tabela 7

Valor e participação, por países, das importações do Rio Grande do Sul — jan.-out./01 e jan.-out./02

PAÍSES	VALOR			PARTICIPAÇÃO %	
	2001 (US\$ 1 000 FOB)	2002 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	2001	2002
Argentina .....	903 216	639 406	-29,21	26,21	22,87
Estados Unidos .....	416 733	401 014	-3,77	12,09	14,34
Nigéria .....	408 197	335 591	-17,79	11,85	12,00
Alemanha .....	210 853	229 640	8,91	6,12	8,21
Argélia .....	154 352	137 478	-10,93	4,48	4,92
Uruguai .....	152 307	134 217	-11,88	4,42	4,80
Itália .....	117 227	106 839	-8,86	3,40	3,82
França .....	78 413	66 738	-14,89	2,28	2,39
Chile .....	55 571	53 719	-3,33	1,61	1,92
Reino Unido .....	66 942	51 630	-22,87	1,94	1,85
Marrocos .....	26 259	39 280	49,59	0,76	1,40
Rússia .....	71 938	38 936	-45,88	2,09	1,39
China .....	32 631	38 700	18,60	0,95	1,38
Japão .....	44 632	37 489	-16,00	1,30	1,34
Espanha .....	38 442	36 833	-4,19	1,12	1,32
Canadá .....	44 483	31 004	-30,30	1,29	1,11
Coreia do Sul .....	36 044	25 747	-28,57	1,05	0,92
Taiwan (Formosa) .....	31 553	24 743	-21,58	0,92	0,88
Gana .....	0	23 668	-	0,00	0,85
Israel .....	53 497	22 575	-57,80	1,55	0,81
Bolívia .....	36 229	22 429	-38,09	1,05	0,80
Venezuela .....	51 921	20 386	-60,74	1,51	0,73
<b>Subtotal</b> .....	<b>3 031 440</b>	<b>2 518 064</b>	<b>-16,94</b>	<b>87,98</b>	<b>90,06</b>
Outros .....	414 170	277 818	-32,92	12,02	9,94
<b>TOTAL</b> .....	<b>3 445 610</b>	<b>2 795 882</b>	<b>-18,86</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex/DTIC/Sistema Alice.

## Bibliografia

AGCO expande produção no Rio Grande do Sul. **Jornal do Comércio**, p. 10, 28-30 jun. 2002.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior/Sistema de Análise de Informações de Comércio Exterior (MDIC/Sistema Alice). Disponível em: <http://aliceweb.mdic.gov.br/> Acesso em: 2002.

BUENO, Sérgio. Marcopolo planeja dobrar produção. **Valor Econômico**, São Paulo, p. B-1, 11 set. 2002.

CALÇADO vira produto de exportação de baixo preço. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 14, 14 ago. 2002.

CHINA prorroga certificação da soja. **Correio do Povo**, Porto Alegre, p. 15, 15 out. 2002.

CIGANA, Caio. Crise no Zimbábue beneficia Brasil. **Gazeta Mercantil**, Curitiba, Porto Alegre e Florianópolis, 9 set. 2002. Região Sul, p. 1.

DENARDIN, Valmir. Brasil deve certificar soja convencional. **Gazeta Mercantil**, Curitiba, Porto Alegre e Florianópolis, 11 jun. 2002. Região Sul, p. 5.

FELTRIN, Ariverson. Marcopolo projeta recordes de produção e de exportações. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p. C-7, 10 jun. 2002.

FRANCO, Luciana. Receita com exportação de frango pode cair. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p. B-16, 19 ago. 2002.

GARCIA, Álvaro Antônio. Exportações gaúchas: o que esperar de 2002. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, p. 35-58, v. 30, n. 2. 2002a.

GARCIA, Álvaro Antônio. O comércio exterior do RS em 2001. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, p. 94-128, v. 29, n. 4. 2002.

IBGE-SIDRA. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br> Acesso em: nov. 2002.

INACIO, Alexandre. Moinhos importarão 1 milhão de toneladas de trigo da Rússia. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p. B-16, 25 nov. 2002.

LANDIM, Raquel. Exportações de suínos cresce 107%. **Valor Econômico**, São Paulo, p. B-10, 24 out. 2002.

MARCOPOLO embarca 255 Volare. **Correio do Povo**, Porto Alegre, p. 11, 9 out. 2002.

MELLO, Alessandra. O Rio Grande livre. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 4-5, 28 nov. 2002.



MELO, Dionara. Brasil importará arroz dos EUA. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 25, 19 out. 2002.

PRODUTOR não gosta da clandestinidade, O. **Zero Hora**, Porto Alegre, 15 mar. 2002. *Campo & Lavoura*, p. 5.

PRODUTORES querem evitar importações dos EUA. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 10, 18 set. 2002.

RIVERAS, Inaê. Setor de fumo comemora “ano excelente”. **Valor Econômico**, São Paulo, p. B-12., 19-21 jul. 2002.

ROCHA, Alda do Amaral. Câmbio e UE sustentam venda recorde de frango. **Valor Econômico**, São Paulo, p. B-12, 23 out. 2002.

SAFRA rende R\$ 1,8 bilhão aos fumicultores do Sul. **Gazeta Mercantil**, Curitiba, Porto Alegre e Florianópolis, 2 jul. 2002. *Região Sul*, p. 1.

VISCARDI, Karen. Argentina deve US\$ 1,32 milhão ao setor. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 11, 21 out. 2002.

WELTER, Martiane. Metal – mecânica é destaque nas exportações. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 5, 26 set. 2002a.

WELTER, Martiane. Soja trará os melhores resultados para o Estado. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 7, 23 set. 2002.

WILKE, Juliana. Vendas crescem apesar das perdas no Mercosul. **Gazeta Mercantil**, Curitiba, Porto Alegre e Florianópolis, 13 ago. 2002. *Região Sul*, p. C-1.

WORLD ECONOMIC OUTLOOK. Washington: IMF, Sept. 2002. Disponível em: <http://www.imf.org/> Acesso em: 27 set. 2002.